



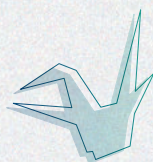
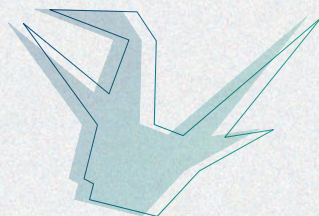
# QUATORZE

escrevivências libertando histórias



Aline Baioto Lunkes  
Ana Carolina de Souza Rauter (org.)  
Ana Cristina Weber (org.)  
Bruna Moraes Battistelli  
Cláudia N. da Costa Pereira  
Elisandra de Moraes Fagundes (org.)  
Geovana Goulart Diehl  
Jaqueline Grasiela Weiermuller  
Joana Schneider Machado (org.)  
Joice Catiana de Oliveira Trevizani (org.)  
Juliana Aparecida Bohn (org.)  
Lilian Terezinha de Souza  
Luciano Bedin da Costa (org.)  
Nadiéli dos Passos (org.)  
Nathalia Becker (org.)  
Pâmela Silva da Luz (org.)  
Priscila Naiana Lacerda de Souza (org.)

**Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.**



## **FICHA CATALOGRÁFICA**

Q2

Quatorze: escritivências libertando histórias / Organização Ana Carolina de Souza Rauter ... [et al.]. – Novo Hamburgo: Faculdade IENH, 2021.  
65 p. ; 30 cm.

Vários autores.  
Inclui bibliografia.  
ISBN: 978-65-993216-3-4

1. Educação. 2. Educação socioemocional. 3. Mulheres.  
4. Escrita – Mulheres. 5. Vivências. I. Título.

CDU 37.035

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Bibliotecária: Aline Soares Cezar – CRB10/2164

# Da palavra à escriturivência: percursos de um livro

por Luciano Bedin da Costa

Em março de 2021, em meio ao que se anunciou como o ano mais difícil de nossa história, recebi o convite para ministrar uma disciplina sobre escrita e leitura na Especialização em Desenvolvimento Socioemocional no Contexto Educacional, promovido pela Faculdade IENH, onde tive a alegria de trabalhar antes do meu ingresso junto à Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. A essa disciplina dei o nome de Escrita e Leitura como experiências de cuidado, uma tentativa de movimentar os verbos ler, escrever e cuidar, verbos que me são muito caros e que têm me acompanhado ao longo dos últimos anos. Junto a uma turma inesquecível de quatorze mulheres, demos início a um percurso que resultou na publicação desse livro em questão.

Durante três sextas-feiras à noite, após uma semana de trabalho e de sobrevivências (sim, em um país desgovernado como o nosso, viver é, antes de tudo, sobreviver), nos encontrávamos nas tais janelinhas do Google Meet para compartilhar nossas leituras e escritas. Embora nossas caras fossem de cansaço e desânimo diante dos acontecimentos ligados à pandemia da Covid-19, nossos desejos nos revelavam o oposto, levando-nos a permanecer nas aulas sempre um pouquinho depois do horário previsto, fazendo a família e janta esperarem um pouco.

Além dessas quatorze mulheres, uma grande companheira de andanças foi Conceição Evaristo, escritora mineira responsável por contos e romances que literalmente

revolucionaram nosso modo de ler e viver a literatura brasileira, trazendo para a escrita o peso de nossa ancestralidade, violentamente massacrada e silenciada ao longo da triste história que marca os povos escravizados em nosso país. Por meio da escrevivência, termo cunhado por Conceição Evaristo para pensar a relação entre escrita e vida, iniciamos nosso percurso de escritura. O primeiro movimento para a produção das escrevivências se deu a partir de uma apresentação inicial, em que cada participante se apresentou a partir de palavras livremente escolhidas. Um ponto que me chamou a atenção foi o fato de palavras relacionadas à força e fragilidade coexistirem em quase todas as apresentações, não havendo prevalência de uma sobre a outra. Como exemplo, trago aqui uma das apresentações produzidas, em que essa relação se apresenta de modo bastante assertivo: “Sou forte, segura e confiante para proteger minhas fragilidades. Às vezes, permito que me vejam vulnerável e confusa, mas hoje já consigo dizer que sou incompleta e preciso de ajuda para me reconstruir depois dos abalos”. Nesse fragmento, escrito de modo muito sincero e corajoso, percebemos o papel da força diante da sensação de fragilidade que todas/todos nós experimentamos em determinados momentos de nossas vidas.

Após as apresentações, lidas de forma coletiva, as participantes foram convidadas a selecionar uma ou duas palavras presentes em seus textos, palavras que serviriam de ponto de partida à produção das escrevivências. Conversamos sobre o fato de as palavras selecionadas terem um sentido e uma história próprias a cada vida, palavras que parecem vestir nossas fragilidades com tecidos simbólicos, dando um nome a um conjunto de experiências vividas de modo inominável. O fato de três das participantes terem escolhido a palavra “forte” diz do quanto a força assume um lugar relevante na vida dessas mulheres. No entanto, para cada uma dessas vidas, a

força apresenta sentidos diferentes, conectados às dificuldades enfrentadas ao longo do tempo e às coisas pelas quais tiveram que passar diante de acontecimentos específicos. E, assim, a partir de palavras aparentemente simples, fomos chegando a universos bastante complexos, histórias que se revelaram muito comoventes e que nos fizeram literalmente chorar. Na noite de 26 de março, fomos tomadas/tomados por uma emoção quase indescritível, quando todas puderam ler suas escrituras. Do alto das janelinhas do Google Meet, acompanhamos cada uma das leituras, envolvidas pela frágil força de vozes embargadas, leituras que ficarão certamente marcadas em nossas vidas pela genuína expressão de confiança e cuidado com que foram empregadas.

Queridas Aline, Ana Carolina, Ana Cristina, Cláudia, Elisandra, Geovana, Grasielle, Jaqueline, Joana, Joice, Lilian, Nadiéle, Nathália, Pâmela e Priscila: quero agradecer de coração a confiança que vocês tiveram para com esse professor sonhador, mostrando-me, mais uma vez, que escrever, ler e cuidar são mesmo verbos imprescindíveis. Suas escrituras são uma amostra do quão fortes vocês são e do quanto suas fragilidades não devem ser encaradas como impotência ou motivo de vergonha. Aliás, esse é um peso histórico-cultural enfrentado por quase todas as mulheres habitantes de um país branco e misógino como o nosso, algo que torna suas escrituras um ato político.

Quero também agradecer a Juliana Bohn, coordenadora da Especialização em Desenvolvimento Socioemocional no Contexto Educacional, que entrou com unhas e dentes no projeto de publicação do livro, mostrando-se uma ótima companheira de viagens. Quero também agradecer a Bruna Moraes Battistelli, pelo belíssimo ensaio Conceição Evaristo: uma mulher que encharca o mundo com histórias, produzido especialmente para este livro e que tanto nos encheu de alegria.

Finalizo com as palavras da nossa grande Conceição Evaristo, palavras que traduzem a sensação que tenho ao ler as quinze escrituras que compõem este livro: “O movimento da escrita, acho que até o movimento da própria vida, é um movimento que você faz para vencer a dor, ou para vencer a morte, eu acho que é alguma coisa assim, é o espírito de sobrevivência mesmo, esse desejo de você agarrar-se à vida de alguma forma. Para mim, a literatura é essa oportunidade que você tem de se agarrar à vida, porque você registra a vida, você inventa a vida, você discorda da vida”.

